



COORDENAÇÃO GERAL DA TRADUÇÃO:

Luiz Alberto Hanns

1915-1920

VOLUME II

OBRAS PSICOLÓGICAS DE



SIGMUND

Freud

Escritos sobre a
Psicologia do
Inconsciente

2,10

O Inconsciente (1915)

Suplemento Metapsicológico à Teoria dos
Sonhos (1917)

Luto e Melancolia (1917)

Além do Princípio de Prazer (1920)



IMAGO

Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos

1917

METAPSYCHOLOGISCHE ERGÄNZUNG ZUR TRAUMLEHRE

Edições alemãs:

- 1917 • *Int. Z. ärztl. Psychoanal.*, 4 (6), 277-87.
- 1918 • *S. K. S. N.*, 4, 339-55. (1922, 2ª ed.)
- 1924 • *G. S.*, 5, 520-34.
- 1924 • *Technik und Metapsychol.*, 242-56.
- 1931 • *Theoretische Schriften*, 141-56.
- 1946 • *G. W.*, 10, 412-26.

■ **Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud***

A presente tradução inglesa, embora baseada na de 1925, foi amplamente reescrita.

Este artigo, juntamente com o seguinte (“Luto e Melancolia”), parece ter sido escrito num período de onze dias, entre 23 de abril e 4 de maio de 1915, só tendo sido publicado dois anos depois. Como transparece no título, é essencialmente uma aplicação do esquema teórico recém-formulado de Freud às hipóteses apresentadas no Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*. Termina, porém, por se transformar num exame dos efeitos produzidos pelo estado de sono sobre os diferentes “sistemas” da mente. E esse exame, por sua vez, concentra-se principalmente no problema da alucinação e numa investigação do modo como, no estado normal, somos capazes de distinguir entre a fantasia e a realidade.

Freud ocupou-se desse problema desde o início. Muito espaço foi dedicado a ele em seu “Projeto” de 1895 (Freud, 1950a, sobretudo na Parte I, Seções 15 e 16, e na Parte III, Seção 1). E a solução por ele proposta, embora enunciada numa terminologia diferente, assemelha-se visivelmente à formulada no presente artigo. Abrangia duas linhas principais de pensamento. Freud argumentava que por si mesmos os “processos psíquicos primários” não estabelecem nenhuma dis-

tinção entre uma idéia [*Vorstellung*] e uma percepção; precisam, em primeiro lugar, ser inibidos pelos “processos psíquicos secundários”, que, por sua vez, só podem entrar em ação onde há um “Eu” com reserva suficientemente grande de investimento de carga capaz de suprir a energia necessária para acionar a inibição. A finalidade da inibição consiste em dar tempo para que “indicações de realidade” cheguem do aparelho perceptual. Mas, em segundo lugar, além dessa função inibidora e retardadora, o Eu é também responsável por dirigir os investimentos da “atenção” (ver atrás, p. 42 e nota 93) para o mundo externo, sem os quais as indicações de realidade não poderiam ser observadas.

Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), Edição Standard Brasileira, vol. V, pp. 603 e segs. e 636 e segs., IMAGO Editora, 1972, a função da inibição e da demora voltou a ser objeto de insistência como um fator essencial no processo de julgar se algo é real ou não, tendo sido novamente atribuída ao “processo secundário”, embora o Eu já não fosse mencionado como tal. O outro importante exame do assunto por Freud está no artigo “Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico” (1911b), onde pela primeira vez empregou a expressão “teste de realidade”. Mais uma vez, aqui, a característica de retardamento do processo foi ressaltada, embora a função da atenção tenha passado a merecer maior consideração. Foi descrita como um exame periódico do mundo externo e relacionada particularmente com os órgãos dos sentidos e com a consciência. Esta última faceta do problema, o papel desempenhado pelos sistemas *Pcpt* e *Cs.*, é especialmente examinada no artigo a seguir.

Contudo, o interesse de Freud pelo assunto de modo algum se esgotou com a presente apreciação. Em *Psicologia de Grupo e Análise do Eu* (1921c), por exemplo, atribuiu o trabalho do teste de realidade ao ideal do Eu (Edição Standard Brasileira, vol. XVIII, p. 114) — uma atribuição que, no entanto, retirou logo depois, numa nota de rodapé no início do Capítulo III de *O Eu e o Id* (1923b). E agora, pela primeira vez desde o início do “Projeto”, o teste de realidade foi definitivamente atribuído ao Eu. Num exame mais posterior ainda e particularmente interessante do assunto no artigo “A Negativa” (1925b), demonstrou que o teste de realidade depende da estreita relação genética do Eu com os instrumentos da percepção sensorial. Nesse artigo, (bem como no final do trabalho quase contemporâneo “Mystic Writing Pad” (1925a), havia outras referências ao hábito do Eu de emitir investimentos de carga exploratórios periodicamente para o mundo exterior — sem dúvida uma alusão, em termos diferentes, ao que fora originalmente descrito como “atenção”. Mas em “A Negativa” Freud levou ainda mais adiante a análise do teste de realidade e rastreou todo o decorrer do seu desenvolvimento até chegar às relações objetais mais antigas do indivíduo.

O crescente interesse de Freud pela psicologia do Eu em anos ulteriores levou-o a um exame mais detalhado das relações do Eu com o mundo externo. Em dois breves artigos (1924b e 1924e), publicados logo após a *O Eu e o Id*, examinou a distinção entre a relação do Eu com a realidade em neuroses e psicoses. E no artigo “Fetichismo” (1927e) apresentou seu primeiro relato pormenorizado de um método de defesa do ego — “*Verleugnung*” (“repúdio” ou “negação”) — que antes não fora claramente diferenciado do recalque, e que referia a reação do Eu a uma realidade externa intolerável. Esse tema foi mais desenvolvido ainda em alguns dos últimos escritos de Freud, em particular no Capítulo VII da obra póstuma *Esboço de Psicanálise* (1940a [1938]).

Em nossas pesquisas psicanalíticas, constatamos com freqüência como pode ser vantajoso utilizar certos estados e fenômenos que podemos conceber como *versões normais*, ou *modelos prototípicos*, de estados afetivos — por exemplo, o luto e o apaixonamento, ou o estado de sono e o fenômeno do sonhar — para compará-los com as chamadas afecções patológicas.

Apliquemos, pois este procedimento ao sono e ao sonhar. Geralmente não atentamos para o fato de que todas as noites o ser humano retira os envoltórios com que recobre sua pele, bem como as próteses que utiliza diuturnamente para compensar algumas de suas deficiências, tais como óculos, perucas, dentaduras, etc. Poderíamos acrescentar que, ao preparar-se para dormir, ele lida com sua psique de modo análogo ao que faz com o corpo, despindo-se e abrindo mão da maior parte das suas aquisições psíquicas, de modo que, pelos dois lados, ocorre uma notável restauração da situação original a partir da qual se inicia o desenvolvimento da vida. Referimo-nos ao fato de que o ato de dormir reativa somaticamente as condições encontradas no ventre da mãe, quando havia condições de repouso, calor e isolamento dos estímulos [*Reizabhaltung*]¹. Aliás, ao dormirem, muitas pessoas voltam até a ficar em posição fetal. Podemos afirmar que o estado psíquico de quem está dormindo caracteriza-se por uma quase total retirada do mundo que o circunda e pela cessação de todo interesse por ele.

Quando se analisam os estados psiconeuróticos, notam-se em todos eles as assim chamadas *regressões temporais*, ou seja, que há um montante de retrocesso no desenvolvimento peculiar a cada um desses estados. Podemos distinguir duas dessas regressões, a do desenvolvimento do Eu e a do desenvolvimento da libido. No estado de sono, esta última regride até o ponto em que se restaura um *narcisismo primitivo*, e a primeira regride durante o sono até o patamar da *satisfação* [*Befriedigung*]² *alucinatória dos desejos*. [Cf. adiante, p. 83.]

Obviamente, o que sabemos a respeito das características psíquicas do estado do sono foi obtido por meio do estudo dos sonhos. Embora o sonho nos mostre a pessoa acordada, inevitavelmente ele também nos revela as características do sono em si. Inicialmente, a observação desses fenômenos nos permitiu desco-

T.1

T.2

brir algumas peculiaridades do sonho que naquele momento não podíamos compreender, mas que agora podemos formular com mais facilidade. Sabemos que o sonho é absolutamente egoísta³ e que devemos considerar que o personagem principal das cenas é sempre o próprio sonhador. Isto pode ser facilmente deduzido a partir do narcisismo inerente ao estado de sono. Narcisismo e egoísmo se superpõem; a palavra “narcisismo” apenas enfatiza que o egoísmo também é um fenômeno libidinal, ou, em outras palavras, que o narcisismo é o complemento libidinal do egoísmo.⁴ Também podemos hoje compreender em que reside a amplamente reconhecida — e considerada tão enigmática — capacidade “diagnóstica” do sonho que aponta para males físicos ainda incipientes. Sabemos que nos sonhos eles podem ser sentidos mais cedo e mais claramente do que em estado de vigília. É também digno de nota que todas as sensações físicas reais se manifestam exageradamente aumentadas.⁵ Podemos afirmar que esse aumento é de natureza hipocondríaca e tem como pressuposto que todo investimento [Besetzung]⁶ psíquico antes dirigido ao mundo exterior agora foi recolhido ao próprio Eu, tornando possível a percepção precoce de alterações físicas que durante a vigília permaneceriam despercebidas por mais algum tempo.

Os sonhos nos indicam que algo estava acontecendo durante o sono e pretendia perturbá-lo, e mais: os sonhos permitem-nos compreender de que forma essas perturbações puderam ser desviadas. Notemos que, ao final, a pessoa que estava dormindo acabou por sonhar e conseguiu continuar com seu sono, enquanto a exigência [Anspruch]⁷ interna que pretendia chamar sua atenção perturbando seu sono foi substituída e aparece no sonho como se fosse uma vivência externa cujas demandas foram atendidas. Ou seja, um sonho também é uma projeção, uma exteriorização de um processo interno. Lembremo-nos de que já em outra ocasião nos deparamos com a projeção como mecanismo de defesa [Abwehr]⁸. Também já havíamos encontrado algo análogo ao estudarmos o mecanismo da fobia histérica que resultava em que, por meio de tentativas de fuga, o indivíduo afinal conseguia proteger-se de uma ameaça externa que tinha tomado o lugar de uma exigência pulsional [Triebanspruchs]⁹ interna.¹⁰ Todavia, não procederemos a uma discussão mais detalhada sobre a projeção, enquanto não tivermos analisado e dissecado a principal das afecções narcísicas, pois nela o mecanismo da projeção tem um papel preponderante,¹¹ mas infelizmente isto não cabe no escopo desta discussão e por ora terá de ser deixado de lado.

Voltemos, pois, ao fenômeno do sono e nos perguntemos agora em que casos a intenção de dormir é perturbada? A resposta é que a perturbação pode ter origem numa excitação interna ou num estímulo externo. Analisemos em primeiro lugar o caso menos transparente e mais interessante, a perturbação oriunda

da excitação interna. A experiência nos mostra que o sonho é incitado por resquícios diurnos, isto é, por cargas de investimento que ocupam pensamentos. Essas cargas não se submeteram ao mesmo movimento de retirada geral que ocorre todas as noites com as outras cargas de investimento; ao contrário, elas retiveram obstinadamente certa quantidade de interesse libidinal ou algum outro tipo de interesse.¹² O narcisismo do sono teve então, logo de saída, de abrir aqui uma exceção, na qual se ancora e inicia a formação do sonho. Na análise dos pacientes, encontramos esses resquícios diurnos como pensamentos oníricos latentes, e temos de considerá-los, tanto por sua natureza quanto pela sua situação, como representações [Vorstellungen]¹³ pré-conscientes, isto é, como pertencentes ao sistema *Pcs*.

Contudo, antes de prosseguirmos a discussão sobre a formação dos sonhos, é preciso ultrapassarmos certas dificuldades que se manifestam neste ponto. Havíamos afirmado que o narcisismo do sono implica a retirada das cargas de investimento de todas as representações-de-objeto [Objektvorstellungen]¹⁴, tanto das parcelas inconscientes quanto das parcelas pré-conscientes. Entretanto, se admitirmos que determinados “resquícios diurnos” continuaram retendo seu investimento, é pouco crível que estes sejam capazes de acumular tal quantidade de energia, durante a noite, a ponto de forçarem o consciente a prestar atenção neles. Seria mais coerente pressupormos que a carga de investimento que neles restou é muito mais fraca do que a presente durante o dia. A análise de pacientes, aqui, nos poupa de maiores especulações, por demonstrar que, para poderem se apresentar como formadores de sonhos, esses resquícios diurnos têm de receber reforço das fontes geradoras de impulsos pulsionais [Triebregungen]¹⁵ inconscientes. Inicialmente, essa suposição parece não apresentar nenhuma dificuldade, pois é de supor que a censura entre o *Pcs* e o *Ics* esteja muito reduzida durante o sono, facilitando a comunicação entre os dois sistemas.¹⁶

Todavia, há uma dificuldade que não devemos omitir. Se afirmamos que o estado narcísico do sono teve como conseqüência a retirada de todos os investimentos dos sistemas *Ics* e *Pcs*, então não há possibilidade de que os resquícios pré-conscientes do dia recebam reforço das moções pulsionais [Triebregungen] inconscientes, as quais também suspenderam seus investimentos no Eu. Como se nota, neste ponto, a teoria da formação do sonho ou tem de ser salva por meio de uma alteração no pressuposto inicial sobre o narcisismo do sono, ou desembocará numa contradição insuperável.

De fato, como também se constatará adiante, um pressuposto mais restritivo a respeito do narcisismo não só se impõe à teoria dos sonhos, como também à teoria sobre a *Dementia praecox*.¹⁷ Ele só pode ser enunciado do seguinte modo: a

SE.3

SE.4

SE.5

T.6

T.7

T.8

T.9/SE.10

SE.11

SE.12

T.13

T.14

T.15

SE.16

SE.17

parcela recalçada [*verdrängte*]¹⁸ do sistema *Ics* não obedece ao desejo de dormir do Eu — ela é capaz de reter ao todo ou em parte sua carga de investimento —, pois, devido ao processo de recalque, já havia criado para si certa independência em relação ao domínio do Eu. Assim, certo montante da carga de investimento empregada no processo de sustentar o recalque (ou seja, uma parcela do *contra-investimento*) tem de ser mantido em atividade, ao longo da noite, para fazer frente ao perigo pulsional que se mantém ativo. Contudo, o fato de ocorrer uma obstrução noturna que impede o acesso às vias que veiculam e liberam o afeto e a motilidade provavelmente reduz em muito a quantidade de energia necessária para sustentar o contra-investimento.¹⁹ Concebamos então da seguinte maneira a situação que leva à formação do sonho: o desejo de dormir tenta recolher todas as cargas de investimentos que haviam sido enviadas pelo Eu em direção aos objetos e tenta, assim, produzir à noite um narcisismo absoluto. Isto só pode ser conseguido em parte, pois a parcela recalçada pertinente ao sistema *Ics* não cede ao desejo de dormir. Isto torna necessário manter em atividade uma parte dos contra-investimentos, bem como a censura entre o *Ics* e o *Pcs*, ainda que tal atividade esteja reduzida a um patamar muito abaixo do vigente durante o dia. Assim, podemos afirmar que quanto mais o Eu alcança e domina os sistemas, mais esvaziados eles estão de cargas de investimentos, e, inversamente, quanto mais fortes são os investimentos pulsionais inconscientes, tanto mais frágil é o sono. Em casos extremos, o Eu chega a desistir do desejo de dormir porque se sente incapaz de inibir os impulsos [*Regungen*] recalçados liberados durante o sono, ou, em outras palavras, o Eu renuncia ao sono porque teme os seus sonhos.²⁰

Mais adiante,²¹ devido às sérias conseqüências que produz, abordaremos a importância de levar em conta o pressuposto da oposição dos impulsos recalçados. Por ora, continuemos a acompanhar a situação em que se dá a formação do sonho.

Temos de enfrentar agora uma segunda ruptura na coerência de nossa teoria sobre o narcisismo do sono:²² a possibilidade antes mencionada de que também alguns dos pensamentos diurnos pré-conscientes se mostrem resistentes e mantenham durante o sono uma parte de sua carga de investimento. No fundo, os dois casos podem ser considerados idênticos. A resistência dos resquícios diurnos pode ser atribuída a conexões com os impulsos inconscientes — já existentes e ativos durante o estado de vigília. Mas talvez as coisas não ocorram de uma maneira tão simples, e somente durante o sono, graças ao fato de nesse estado a comunicação ente o *Pcs* e o *Ics* ser mais fácil, os resquícios diurnos não totalmente esvaziados logrem estabelecer contato com o material recalçado. Em ambos os casos, ocorrerá então o passo decisivo no processo de formação do sonho: é for-

mado o desejo pré-consciente do sonho, o qual *expressa o impulso inconsciente e é veiculado pelos resquícios diurnos pré-conscientes*. Esse desejo do sonho deve ser claramente diferenciado dos resquícios diurnos; ele não tem necessariamente de ter existido na vida em vigília, e pode já mostrar o mesmo caráter irracional que qualquer material inconsciente traz consigo ao ser transposto para o consciente. O desejo do sonho não pode ser confundido com os impulsos carregados de desejo [*Wunschregungen*] que possivelmente, mas não necessariamente, se encontravam entre os pensamentos oníricos [*Traumgedanken*]²³ pré-conscientes (latentes). Se, entretanto, tiver havido tais desejos pré-conscientes, o desejo do sonho é acrescentado a eles como o mais efetivo dos reforços.

Trata-se aqui, então, de discutir os diversos destinos posteriores que esse impulso carregado de desejo terá. Ele em essência representa uma demanda pulsional [*Triebanspruch*] inconsciente, que se constituiu no pré-consciente na forma de um desejo do sonho (isto é, como uma fantasia que realiza o desejo). Podemos facilmente chegar à conclusão de que esse impulso poderia ser liquidado de três modos diferentes: pelo caminho que seria o normal durante a vigília, ou seja, forçando a passagem do *Pcs* ao *Cs*, ou contornando o *Cs* e seguindo um atalho direto para a descarga motora, ou ainda tomando outro caminho inesperado, que de fato pudemos acompanhar pela observação direta. No primeiro caso, ele se transformaria numa *idéia delirante* que tem como conteúdo a realização do desejo, mas isso nunca acontece no sono. (Embora estejamos pouco familiarizados com os pré-requisitos metapsicológicos que embasam os processos psíquicos, talvez possamos deduzir desse fato o princípio de que o total esvaziamento de um sistema o torna pouco suscetível a ser abordado e incitado.) O segundo caso, a descarga [*Abfuhr*]²⁴ motora direta, também deveria ser excluído devido ao mesmo princípio,²⁵ pois o acesso à motilidade geralmente fica ainda um pouco mais afastado da censura consciente, embora às vezes possa ser observado no *sonambulismo*. Todavia, não sabemos que condições tornam o sonambulismo possível, nem por que não ocorre com maior freqüência. O que efetivamente ocorre na formação do sonho é uma decisão peculiar e imprevista. O processo iniciado no *Pcs* e já reforçado no inconsciente toma então o caminho inverso, passando pelo *Ics*, até chegar à percepção que está se impondo ao consciente. Essa *regressão* é a terceira fase da formação do sonho. Repetimos aqui as outras, para melhor visualização: reforço pelo *Ics* dos resquícios diurnos *pcs* e formação do desejo do sonho.

Denominamos tal regressão de regressão *tópica*, para diferenciá-la da regressão *temporal* ou da de *desenvolvimento*,²⁶ já mencionada.²⁷ As duas não têm necessariamente de coincidir, mas o fazem nesse caso. A reversão do curso da exci-

T.18

SE.19

SE.20

SE.21

SE.22

T.23

T.24

SE.25

SE.26/SE.27

tação do *Pcs* pelo *Ics* até a percepção é ao mesmo tempo um retorno ao estágio primitivo que denominamos satisfação alucinatória do desejo.

Sabemos a partir do que apresentamos em *A Interpretação dos Sonhos* de que maneira, na formação do sonho, ocorre essa regressão dos resíduos diurnos pré-conscientes.²⁸ O processo pode ser descrito como uma transformação dos pensamentos em imagens — predominantemente visuais —, ou seja, representações-de-palavra [*Wortvorstellungen*] são remetidas de volta às representações-de-coisa [*Sachvorstellungen*] que lhes correspondem. É como se o processo fosse condicionado pela capacidade de representar em imagens, isto é, dependesse da *figurabilidade* [*Darstellbarkeit*]²⁹ ou adequação dos elementos a imaginizarem-se.³⁰ Finalizada a regressão, teremos então uma série de cargas investidas no sistema *Ics* que estarão agora depositadas em lembranças-de-coisa [*Sacherinnerungen*]³¹. É justamente sobre essas lembranças-de-coisa que o processo psíquico primário então atuará. Por meio do mecanismo de condensação e do mecanismo de deslocamento, essas cargas de investimento serão movimentadas entre as lembranças-de-coisa, até que afinal se configure o conteúdo manifesto do sonho. Somente nos casos em que as representações-de-palavra veiculadas pelos resíduos diurnos são resíduos frescos e atualizados das percepções, e não a expressão do pensamento, é que elas são tratadas pela psique como representações-de-coisa e estarão sujeitas à influência da condensação e do deslocamento. Foi a partir dessa constatação que formulamos em *A Interpretação dos Sonhos* a regra, desde então já confirmada por evidências, de que no conteúdo do sonho não são formadas palavras e falas novas; ao contrário, no sonho aparecem falas que seguem o modelo das falas (ou outras impressões recentes, inclusive de coisas lidas) já vivenciadas durante o dia anterior ao sonho.³² Também é notável quão pouco o trabalho do sonho se prende às representações-de-palavra; ele está sempre pronto a trocar as palavras umas pelas outras, até encontrar as que expressem do modo mais conveniente a representação plástica.³³

É neste ponto que se mostra a diferença fundamental entre o trabalho do sonho e a esquizofrenia. Na esquizofrenia, são as palavras — utilizadas pelo pensamento pré-consciente para se veicular — que se tornam objeto de modificação pelo processo primário; no sonho, não são as palavras que são objeto de alteração, mas as representações-de-coisa às quais as palavras foram remetidas de volta.³⁴ No sonho ocorre a regressão tópica, na esquizofrenia não; no sonho as cargas de investimento transitam livremente entre as palavras (*pcs*) e as coisas (*ics*); o contrário ocorre na esquizofrenia, cuja característica reside no fato de esse trânsito estar interdito. Contudo, essa diferença fundamental é atenuada quando interpretamos os sonhos na clínica psicanalítica, pois, ao interpretarmos um sonho, perse-

guimos a trilha percorrida pelo trabalho do sonho, rastreamos os caminhos que levam dos pensamentos latentes aos elementos do sonho, desvendamos os duplos sentidos de palavras e demonstramos as interligações que as palavras do sonho promovem entre os diversos círculos de materiais, resultando em um quadro que causa uma impressão ora cômica, ora esquizofrênica. Assim, a interpretação dos sonhos acaba por fazer com que esqueçamos que, diferentemente da esquizofrenia, no sonho todas as operações realizadas sobre as palavras são apenas preparativos para a regressão às coisas.

Abordemos agora a finalização do processo onírico. Esta consiste no fato de o conteúdo do pensamento que havia sido regressivamente modificado — e que foi transformado numa fantasia que expressa um desejo [*Wunschphantasie*] — agora tornar-se consciente na forma de uma percepção sensorial. Contudo, cabe mencionar que, como ocorre com qualquer conteúdo perceptivo, também este foi objeto de uma elaboração secundária [*sekundäre Bearbeitung*]³⁵. Dizemos nesse caso que o sujeito alucina o desejo do sonho e, por consequência, acredita que esse desejo está se realizando de fato. Entretanto, é justamente nesta última parte da formação do sonho que residem as maiores dúvidas e incertezas de nossa investigação, e para esclarecê-las compararemos o sonho com outros estados patológicos que lhe são assemelhados.

As partes essenciais do trabalho onírico, embora não sejam fenômenos exclusivos do sonho, são: a formação de uma fantasia que expressa um desejo e a regressão dessa fantasia até a alucinação. Podemos encontrá-las também em dois estados patológicos: nos estados de confusão alucinatória aguda, a *amênia* (de Meinert),³⁶ e na fase alucinatória da esquizofrenia. O delírio alucinatório da amênia é claramente reconhecível como uma fantasia que expressa um desejo, com frequência tão bem organizada quanto um belo devaneio. Genericamente, trata-se, portanto, de *psicoses alucinatórias de desejo*, que podem ser atribuídas tanto ao fenômeno do sonho quanto ao quadro da amênia. Contudo, poderíamos contrapor a isto o fato de também haver sonhos que contêm apenas fantasias que expressam desejos, todas elas ricas em conteúdo e em nada distorcidas.³⁷ Já a fase alucinatória da esquizofrenia é menos bem estudada, mas, em geral, parece ser composta por vários aspectos, e provavelmente se trata em essência de uma nova tentativa de restituição, um esforço de restituir o investimento libidinal às representações-de-objeto [*Objektvorstellungen*].³⁸ Nossa comparação entre os estados alucinatórios no sonho e em outras afecções patológicas terá de se restringir à amênia e à esquizofrenia, pois infelizmente não tenho experiência própria a respeito das alucinações em outros quadros, nem posso lançar mão da experiência de outros colegas.

Entretanto, neste ponto, ao menos já podemos deixar claro que a psicose alucinatória de desejo — ocorra ela no sonho ou em outras situações — realiza duas operações a serem discriminadas. Não só traz à consciência os desejos escondidos ou recalçados, mas também os apresenta de modo que acreditemos que de fato tivessem se realizado. É importante compreender essa concomitância. Nosso juízo é perfeitamente capaz de distinguir a diferença entre aquilo que é real e o que são representações mentais [*Vorstellungen*] e desejos, por mais intensos que os dois últimos sejam. Portanto, depois que os desejos inconscientes se tornaram conscientes, a psique não toma esses desejos como se tivessem de fato se realizado. Por outro lado, parece razoável pressupormos que o ser humano atribui o caráter de realidade às coisas a partir da percepção providenciada pelos sentidos. Podemos agora concluir que atribuímos o *status* de realidade à nossa percepção somente nos casos em que um pensamento tenha encontrado o caminho para a regressão, chegando até os resíduos inconscientes da lembrança-do-objeto [*Objekterinnerung*] e daí conseguido alcançar a percepção.³⁹ A alucinação, portanto, traz consigo a convicção de tratar-se de uma realidade. A questão que então se coloca é qual será o pré-requisito para que surja uma alucinação. Nossa primeira resposta é a de que é preciso que ocorra uma regressão. Substituiremos então a nossa pergunta sobre como se forma a alucinação por outra acerca de como surge o mecanismo da regressão. A resposta a esta nova pergunta, no caso do sonho, é fácil: a regressão dos pensamentos oníricos *pcs* até as imagens referentes às memórias-de-coisa [*Sacherinnerungen*] aparentemente é a conseqüência da atração que os representantes *ics* das pulsões [*Triebrepräsenzen*] — por exemplo, lembranças [*Erinnerungen*]⁴⁰ recalçadas de experiências — têm sobre os pensamentos expressos pelas palavras.⁴¹ Porém, logo percebemos que estamos na trilha errada. Se o segredo da alucinação não fosse outro senão o da regressão, qualquer regressão suficientemente intensa deveria ter como resultado uma alucinação acompanhada pela crença na sua realidade. Mas conhecemos muito bem aqueles casos em que um pensamento reflexivo regride e traz à consciência imagens mnêmicas visuais muito claras, e mesmo assim em momento algum o pensamento é tomado pelo sujeito como percepção de algo real. Aliás, poderíamos também imaginar perfeitamente que o trabalho onírico chegue até tais imagens mnêmicas ainda inconscientes, as torne conscientes e a seguir nos apresente uma fantasia que expressa desejos — pelos quais sentimos nostalgia — sem que venhamos a confundir essa fantasia com a realização real dos desejos. A alucinação deve ser, portanto, mais do que a vivificação regressiva das imagens mnêmicas que se encontram em estado inconsciente.

Tenhamos em mente, ainda, que é essencial que a psique tenha a capacidade de distinguir entre percepções e apenas representações, por mais intensa-

SE.39

T.40

SE.41

mente que estas últimas estejam sendo recordadas. Toda a nossa relação com o mundo externo, com a realidade, depende dessa capacidade. Anteriormente formulamos a ficção⁴² de que nem sempre tivemos essa capacidade, e de que, no início da nossa vida psíquica, assim que sentíamos falta [*Bedürfnis*]⁴³ de um objeto que nos satisfizesse, nós realmente o alucinávamos. Contudo, na medida em que a satisfação não ocorria, esses repetidos insucessos devem muito rapidamente ter levado a nossa psique a criar um dispositivo por meio do qual uma percepção ilusória podia ser distinguida da satisfação real e também podiam ser evitadas novas confusões no futuro. Em outras palavras, estamos supondo que muito cedo deixamos de lado a satisfação alucinatória do desejo, instituindo algo como um *teste de realidade*.⁴⁴ A questão que aí surge é em que consiste esse teste de realidade, e como a psicose alucinatória de desejo — que ocorre no sonho, na amênia e em outros quadros — é capaz de suspender o teste de realidade, reconstituindo a antiga modalidade de satisfação.

Para responder a essa questão devemos agora definir com mais detalhes o terceiro dos nossos sistemas psíquicos, o sistema *Cs*, que até o momento não havíamos separado claramente do *Pcs*. Antes, no livro *A Interpretação dos Sonhos*,⁴⁵ mostramos ser necessário considerar que nossa percepção consciente é um produto da atividade de um sistema especial. A esse sistema atribuímos, na ocasião, certas características bastante peculiares e temos boas razões para ainda lhe acrescentarmos mais algumas. Esse sistema, que havíamos denominado *Pcpt*, recobre-se e coincide com o sistema *Cs*, de cuja atividade, em geral, depende o tornar-se consciente. Mas, nesse estágio de nossas investigações, ainda não estamos em condições de afirmar se o fato de algo tornar-se consciente (*Bewusstwerden*) se explica apenas pela pertinência integral desse conteúdo a um sistema, ou se há outros aspectos. Sabemos que, por vezes, podemos ter a percepção sensorial de imagens mnêmicas às quais não é possível atribuir uma localização psíquica específica no sistema *Cs* ou *Pcpt*.

Entretanto, para avançarmos nesta questão da pertinência sistêmica dos conteúdos conscientes, teríamos de ter conseguido investigar mais detalhadamente o sistema *Cs*,⁴⁶ algo que não faremos aqui, de modo que teremos de adiar a discussão desta dificuldade particular para outra ocasião. Todavia, nada agora nos impede, para suprimos as necessidades mais imediatas de nossa discussão atual sobre a alucinação, de adotarmos uma suposição: a de que a alucinação consiste em um investimento do sistema *Cs* (*Pcpt*) que não nos atinge vindo de fora, como seria normal, mas a partir de dentro. Nesse caso, o pré-requisito da alucinação seria que a regressão vinda de dentro tenha logrado atingir diretamente o próprio sistema *Cs* (*Pcpt*) e conseguido, assim, passar ao largo do teste de realidade.⁴⁷

SE.42

T.43

SE.44

SE.45

SE.46

F.47

Acrescentemos a esta suposição ainda outra idéia que já havíamos formulado em um contexto anterior (“Pulsões e Destinos da Pulsão” [ESPI, vol. 1, pp. 82-3 em cima]): a de que os organismos que ainda estão indefesos e despreparados se servem de suas percepções para correlacionar as ações dos seus músculos com o “dentro” e o “fora”, desenvolvendo assim uma orientação inicial no mundo. Podemos conceber então esse processo do seguinte modo: uma percepção levada a desaparecer em decorrência de uma ação será reconhecida como externa, isto é, como real; nos casos em que uma ação nada modificou na percepção, indica ao organismo que ela provém do interior do próprio corpo, portanto, passa a ser considerada como sendo não real. É de grande valor para o indivíduo possuir um marcador que identifique o que é real⁴⁸ e lhe permita lidar com as dificuldades que se apresentam na realidade. Para o indivíduo, é de suma importância estar dotado de uma capacidade semelhante para atuar contra as exigências freqüentemente implacáveis das suas pulsões. É por esse motivo que ele despense tanto esforço para transpor para fora, para *projetar*⁴⁹ aquilo que o oprime internamente.

Vemo-nos então obrigados, após uma dissecção detalhada do aparelho psíquico, a atribuir exclusivamente ao sistema *Cs* (*Pept*) o mérito de ter gerado uma capacidade de orientação no mundo a partir da diferenciação entre interno e externo. Temos então de supor que o *Cs* dispõe de uma inervação motora, através da qual constata se é possível fazer uma percepção desaparecer ou se ela permanece resistente. O teste de realidade não precisa ser nada mais do que esse dispositivo.⁵⁰ Isto é, por ora, tudo o que podemos afirmar sobre este ponto, já que a natureza e o modo de funcionamento do sistema *Cs* nos são ainda muito pouco conhecidos. Daremos ao teste de realidade um lugar de destaque entre as grandes instituições do *Eu*. Nós o situaremos entre os sistemas psíquicos e ao lado das censuras, que já conhecemos bem. Num futuro próximo, esperamos que a análise das afecções narcísicas nos ajude a trazer à luz ainda outras dessas instituições.⁵¹

A patologia nos fornece dados a respeito do modo como o teste de realidade é suspenso ou posto fora de ação na psique. Na psicose de desejo encontrada nos quadros de amênia, podemos ver isso de maneira ainda mais nítida do que no sonho: a amênia é a reação a uma perda que a realidade confirma, mas que o *Eu* renega [*verleugnet*]⁵², por ser-lhe insuportável constata-la. Em consequência disso, o *Eu* rompe sua relação com a realidade, retira do sistema de percepções *Cs* a carga de investimento, ou melhor, um investimento determinado cuja natureza ainda poderá vir a ser objeto de uma futura investigação. Assim, ao afastar-se da realidade dessa maneira, o teste de realidade é posto de lado, as fantasias que expressam desejo — não recalçadas e perfeitamente conscientes — podem então

SE.48

SE.49

F.50

SE.51

T.52

avançar para dentro do sistema, sendo aí reconhecidas como uma realidade melhor. Esse recolhimento das cargas de investimento constitui um dos diversos momentos que compõem o processo de recalque. A amênia oferece o interessante espetáculo de como o *Eu* se dissocia de um de seus órgãos, talvez daquele que lhe tenha servido mais fielmente e estado mais intimamente vinculado a ele.⁵³

O que o “recalque” realiza na amênia corresponde ao que é realizado nos sonhos pela renúncia voluntária. O estado de sono nada quer saber do mundo exterior e não se interessa pela realidade, ou somente na medida em que há ameaça de ser despertado por ela. Assim, ele retira as cargas de investimento do sistema *Cs*, como também dos outros sistemas, o *Per* e o *Ics*, mas é claro que consegue fazê-lo apenas enquanto as diversas posições ocupadas por cargas de investimento obedecerem ao desejo de dormir. Naturalmente, quando o sistema *Cs* não está mais investido, torna-se inviável realizar o teste de realidade e este é suspenso, de modo que as excitações, que haviam seguido o caminho da regressão de forma autônoma e à revelia do estado do sono, encontrarão agora liberado o caminho até o sistema *Cs*, e, ao atingi-lo, serão percebidas como se fossem uma realidade incontestável.⁵⁴ A partir das nossas ponderações, fica então claro que podemos inferir que a psicose alucinatória encontrada na *Dementia praecox* não pode estar entre os sintomas de entrada na afecção; ao contrário, a psicose alucinatória, neste caso, só ocorre quando o *Eu* do doente já se encontra tão desintegrado que o teste de realidade não mais evita a alucinação.

No que diz respeito à psicologia dos processos oníricos, chegamos então ao resultado de que todas as características essenciais do sonho são determinadas pelo estado do sono. O velho Aristóteles tinha toda a razão quando dizia que o sonho é uma atividade psíquica de quem dorme.⁵⁵ A isto nós podemos ainda acrescentar: trata-se de um resto de atividade psíquica, possibilitado pelo fato de que o estado narcísico do sono não conseguiu impor-se totalmente. Embora isso possa não soar muito diferente do que psicólogos e filósofos sempre disseram, estamos nos baseando em concepções totalmente diversas a respeito da estrutura e do funcionamento do aparelho psíquico, que, em relação às concepções anteriores às nossas, têm a vantagem de elucidar todos os detalhes do sonho.

Encerremos agora com o resumo do que uma concepção tópica do processo de recalque agregou à nossa compreensão do mecanismo das perturbações psíquicas: no sonho, a retirada de cargas de investimento (libido, interesse) atinge todos os sistemas por igual; nas neuroses de transferência, somente o investimento *per* é retirado; na esquizofrenia, o investimento de carga é recolhido do *Ics*; e, finalmente, na amênia, há uma retirada do investimento do *Cs*.

F.53

F.54

SE.55

F: notas de Freud
SE: notas da *Standard Edition*
T: notas do tradutor brasileiro

■ 1 *Reizabhaltung*, “isolamento dos estímulos” Obs. 1: A rigor a tradução mais exata seria “manter os estímulos afastados” ou “impedir que os estímulos se aproximem”, mas o contexto enfatiza que se trata de “manter-se isolado dos estímulos”. Sobre o termo *Reiz*, “estímulo”: Sign.: “estímulo irritante” ou eventualmente “estímulo instigante/provocante”; Conot.: está implícita no uso coloquial de *Reiz* uma relação de intensidades e qualidades; pode referir-se à leve comichão que desperta o apetite, atrai e encanta (quando *Reiz* pode ter a acepção de “encanto”; algo provocante, instigante) ou pode referir-se ao excesso de estimulação, algo dolorido e irritativo (provocativo, espicaçante); Obs. 2: Neste contexto Freud expressa o caráter inerentemente irritante e agressivo que *Reiz* tem no idioma alemão; todos os mecanismos de defesa têm em comum a função de *Reizabhaltung*, isto é: manter os estímulos afastados, impedi-los de chegar; DCAF.

■ 2 *-befriedigung*, satisfação; sobre *Befriedigung* “satisfação”; Conot.: “apaziguamento”, “apacamento” ou mais raramente um “gozo” na acepção de “alívio”, eventualmente pode expressar tal como em português uma “satisfação prazerosa”. Obs.: O termo faz contraponto à cadeia de palavras com frequência empregadas em associação com pulsão — “necessidade”, “pressão”, “acúmulo” — e expressa mais a sensação de alívio que acompanha o escoamento da tensão de resultante de uma pulsão acumulada do que de prazer; DCAF.

■ 3 [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), Cap. V, Seção D, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 271 e segs. Vide, porém, o complemento do ano de 1925 a uma nota de rodapé, *ibid.*, p. 274, nota 2.] [Uma explicação mais detalhada da relação entre narcisismo e egoísmo aparece na 26ª das *Conferências Introdutórias* (1916-17), *Studienausgabe*, vol. I, pp. 402-3.]

■ 4 [Uma explicação mais detalhada da relação entre narcisismo e egoísmo aparece na 26ª das *Conferências Introdutórias* (1916-17), *Studienausgabe*, vol. I, pp. 402-3.] [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), Cap. V, Seção D, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 30 e 59.]

■ 5 [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), Cap. V, Seção D, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 30 e 59.]

■ 6 *Besetzung*, “investimento”; Alt.: “catexia”, “carga de investimento”, “investimento de carga”; Sign.: o verbo *besetzen*, refere-se a ação de “carregar”, “preencher”, “ocupar”, “colocar em”, “aplicar sobre”; o substantivo *Besetzung* pode se referir tanto à ação como ao conteúdo que está depositado; Conot.: evoca a reversibilidade e mobilidade da ação e descreve um movimento flexível e reversível de “ocupar” (“invadir”;

NOTAS

SE.1

SE.2

SE.3

SE.4

SE.5

SE.6

"preencher"; "depositar"); Obs. 1: Neste contexto refere-se ao movimento de alocar energia na direção de representações ligadas ao mundo externo ou às percepções internas; Obs. 2: Utilizou-se neste e em outros artigos deste volume alternadamente os termos "investimento", "investimento de carga" ou "carga de investimento", sempre referindo-se a palavra *Besetzung*; DCAF.

■ 7 *Anspruch*, exigência; Sign.: "reivindicação", "pretensão", "demanda"; Obs.: Termo é utilizado correntemente em alemão, bem como por Freud, como sinônimo ocasional de *Trieb* (pulsão), *Strebung* (anelo), *Wunsch* (desejo); ver sobre *Trieb* nota 9.

■ 8 *Abwehr*, "defesa"; Sign.: o verbo *abwehren*, bem como o substantivo *Abwehr* referem-se à ação de "rechaçar", "repelir"; Conot.: Enfatiza a idéia de um escudo ou barragem (*Wehr*) que logra repelir para longe os inimigos, neste aspecto reforça os outros termos empregados por Freud para mostrar que as defesas são movimentos que em geral não eliminam as reivindicações pulsionais e os perigos a elas associados, apenas os afastam precariamente exigindo uma contínua vigilância em um processo que não se extingue; para tal as defesas se utilizam das mais diversas ações (abafar, distorcer, inverter, arremessar para longe, etc.).

■ 9 *Triebanspruchs*, [termo composto por *Trieb* (pulsão) e *anspruch* (reivindicação), sobre *Anspruch*, nota 7; *Trieb*, "pulsão" (do neologismo francês *pulsion*); Alt.: "instinto"; Sign.: termo corriqueiro e polissêmico, designa genericamente uma "força impelente"; resulta da fusão de duas palavras do médio alemão — "o que impede", *trip*, e "o que é impelido", *trift* — e abrange um arco de sentidos: o surgimento da necessidade; processos fisiológicos de transmissão; a tradução desses processos para o psíquico; o processamento psíquico desta pressão e as metas resultantes desses processos impelentes (incluindo-se aí os "desejos" que atuam como pólos atratores); Conot.: algo que espicaça; Obs. 1: em alemão o termo descreve as diferentes esferas de circulação desta força impelente, desde o pólo que brota e impede a ação, ao pólo que atrai a ação para si; *Trieb* é a força responsável pelas necessidades, vontades, impulsos e desejos (devido a sua origem como *trip*) e ao mesmo tempo é ela mesma a resultante deste processo, isto é, a representação psíquica da necessidade, da vontade, dos impulsos, dos desejos, etc (devido a sua origem como *trift*); Obs. 2: Coerente com a polissemia alemã de *Trieb*, Freud emprega o termo para referir-se aos diferentes momentos deste arco de sentidos: portanto, utiliza a palavra *Trieb*, por exemplo, para designar um "estímulo pulsional", mas também chama a "fome" (uma sensação) de *Trieb*, bem como usa *Trieb* para referir-se a um "impulso" ou a uma "intenção", à "libido", ao "sentimento de amor", e à "vontade", entre outros tantos termos que Freud alterna na trama enfática de "pulsão" (ver no volume 1, pp. 17-26, ESPI, o conceito de "trama enfática"); Obs. 3: neste texto, diversamente do que ocorre em "Pulsões e Destinos da Pulsão" (1915) (ESPI, vol. 1) e em "Além do Princípio de Prazer" (último texto do presente volume), Freud emprega o termo preferencialmente na esfera representacional, isto é, a pulsão como manifestação psíquica (alternadamente denominada de "representação", de "desejo" e de "pulsão");

ver "Comentários da Editor Brasileira", ESPI, vol. 1, pp. 137-144 e também em DCAF.

■ 10 [Vide o artigo "O Inconsciente" (1915e), atrás, pp. 33 e segs.]

■ 11 [Esta é, possivelmente, uma alusão a um artigo extraviado sobre a paranóia.]

■ 12 [Cf. este e o próximo parágrafo com *A Interpretação dos Sonhos, Studienausgabe*, vol. 2, pp. 528-9.]

■ 13 *Vorstellung*: "idéia"; "representação"; Alt.: "representação mental" Sign.: "imagem", "noção", "concepção". Conot.: implica imaginar ou visualizar uma imagem, refere-se a um pensar pela via do imaginar, "colocar mentalmente em cena". O verbo *vorstellen*, portanto, refere-se a "conceber mentalmente", "representar", "imaginar"; Obs. 1: implica a reprodução ou ativação de idéias pela utilização de imagens disponíveis na memória; Obs. 2: A pulsão se manifesta psiquicamente como uma representação (ou imagem ou idéia) que pode se referir a uma disposição ou um anelo, portanto, a uma ação visada ou a um objeto visado; Obs. 3: Ao manifestar-se para a consciência também implica um correlato qualitativo de afeto; Freud se serve do leque semântico do termo que abarca desde o ato inicial de dar uma representação (a um objeto, a uma necessidade ou a um desejo) até o imaginar, e o pensar mais complexos dirigidos a certas metas; ver mais a respeito da relação entre "representação" [*Vorstellung*] e "pulsão" [*Trieb*] em ESPI, volume 1, pp. 134 e 138-140; Obs. 4: Embora *Vorstellung* seja empregado na filosofia alemã, não tem a conotação erudita de "representação"; trata-se de um termo corriqueiro; Obs. 5: *Vorstellung*, foi em diversos trechos deste volume, traduzido por "idéia", na acepção de "representação mental", ou de "imagem interna", sendo de resto traduzido preferencialmente por "representação". Quando for traduzido por outro de seus vários sinônimos, advertir-se-á o leitor de que se trata do mesmo termo *Vorstellung*; DCAF.

■ 14 *Objektvorstellungen*: "representações-de-objeto", sobre a diferenciação que Freud faz entre este termo e *Sachvorstellungen* (representações-de-coisa) ver notas 110, 111 no artigo anterior "O Inconsciente", p. 73.

■ 15 *Triebregungen* sobre *Trieb*, ver nota 9] *-regungen*, "impulsos"; Alt.: "moções"; Sign.: brotamento, movimento inicial de irrupção; *Triebregung* é uma "pulsão que acaba de brotar"; Obs.: As moções ou impulsos pulsionais são manifestações da pulsão quando esta surge ainda pouco carregada (ainda não houve uma estase que a tornasse imperativa, tal como a fome), sua forma equivaleria ao apetite, isto é, a um estado ainda de iniciativa ou comichão, o termo "impulso" não denota aqui algo súbito, ocasional, mas uma corrente inicial, esta corrente inicial vai se acumulando e ocupando e preenchendo de energia as representações mentais, desejos ou idéias, portanto, reforçando certas imagens que servem para representar as pulsões naquele momento; DCAF.

■ 16 [Ibid., p. 503.]

SE.10

SE.11

SE.12

T.13

T.14

T.15

SE.16

SE.17	■ 17 [Não está claro a que isto se refere.]
T.18	■ 18 <i>verdränge</i> "recalcada"; Alt.: "reprimida"; Sign.: "desalojada", "empurrada para o lado"; Conot.: "recalcar" em alemão expressa um empenho de "abafar" ou "paralisar" a manifestação de uma idéia incômoda, sem, contudo, eliminá-la. Obs. 1: Freud combina o verbo <i>drängen</i> , "forçar passagem/empurrar", com os prefixos <i>ver-</i> , <i>nach-</i> ou <i>vor</i> para descrever os movimentos de "empurrar forçando" na direção do consciente ou do inconsciente, no caso de <i>Verdrängung</i> , "recalque" também ressalta a idéia de que não houve uma eliminação do material que foi afastado, neste sentido Freud se refere recorrentemente ao fato de que se trata de um <i>estado de recalque</i> , algo que tem que ser sustentado com dispêndio de esforço psíquico. Obs. 2: neste caso a parcela recalçada do inconsciente estando apenas abafada e desalojada, continua atuante no estado de recalçamento, entretanto, agora funcionando segundo as leis do inconsciente; DCAF.
SE.19	■ 19 [<i>A Interpretação dos Sonhos, Studienausgabe</i> , vol. 2, pp. 540-1. Vide também ESPI, vol. 1, p. 181.]
SE.20	■ 20 [Ibid., p. 552.]
SE.21	■ 21 [Também esta referência permanece obscura.]
SE.22	■ 22 [A primeira é a "rebelia dos impulsos recalçados".]
T.23	■ 23 <i>Traumgedanken</i> , "pensamentos do sonho"; Obs.: ver relação entre o "pensado" e "desejado" no artigo "Formulações dos Dois Princípios do Acontecer Psíquico", ESPI, vol. 1, p. 66 e notas 19 e 21, bem como DCAF.
T.24	■ 24 <i>Abfuhr</i> : "descarga" Alt.: "remoção" ou "retirada"; Conot.: embora a tradução consolidada em português seja "descarga", esta enfatiza a idéia de um movimento abrupto de "rajada" ou "disparo", geralmente ausente do termo <i>Abfuhr</i> que evoca a algo como "conduzir", "remover", "reencaminhar para fora", descrevendo um movimento processual; Obs. 1: Devido à diferença de conotação preferiu-se empregar o termo "remoção"; mas nesse trecho optou-se por "descarga" para enfatizar que a "carga" precisa ser removida pela via motora, entretanto, é importante manter em mente que a <i>Abfuhr</i> , obtida pela ação muscular, neste caso, é controlada pelo consciente e não se trata de uma catarse ou descarga abrupta; Obs. 2: Ao longo de sua obra Freud com frequência contrapõe a remoção interna (<i>innere Abfuhr</i>) e ligada ao pensamento, à remoção externa (<i>äussere Abfuhr</i>), a qual é motora; Obs. 3: Outros termos empregados por Freud como equivalentes a <i>Abfuhr</i> são: <i>entladen</i> , "descarregar" na acepção de "esvaziar" <i>Ableitung</i> , "escoamento"; <i>Dränierug</i> , "drenagem", ressaltando que há também um importante aspecto processual e gradual da <i>Abfuhr</i> na metapsicologia; DCAF.
SE.25	■ 25 [O "princípio da não-instigabilidade de sistemas não investidos" (adiante, p. 89, nota 54) parece resumir também em um ou dois trechos de escritos posteriores de Freud, por exemplo em <i>Além do Princípio de Prazer</i> (1920g), adiante, p. 154, e

	quase no final do artigo sobre o "Bloco Mágico" (1925a). Em terminologia neurológica, já havia menção ao princípio no "Projeto" de Freud de 1895 (1950a). Ali Freud constatou na Parte I, Seção "A Vivência de Satisfação", que uma quantidade de um neurônio passa mais facilmente para um neurônio investido do que para um não-investido. E no trecho "A Análise dos Sonhos" ele transpõe essa hipótese para o problema da descarga motora nos sonhos, do qual trata a passagem acima. Diz ele: "Os sonhos <i>carecem da descarga motora</i> como, de forma geral, de quaisquer elementos motores. Nos sonhos, ficamos paralisados. A explicação mais fácil desta característica é a ausência da do pré-investimento espinhal (...). A excitação motora não é capaz de transpor a barreira de neurônios não-investidos". Alguns parágrafos adiante, ele fala do fluxo "retrógrado" na natureza alucinatória do investimento dos sonhos, o que corresponde, por sua vez, ao que é dito na parte subsequente do trecho acima.]	
	■ 26 [Cf. com um trecho acrescentado em 1914 ao Cap. VII de <i>A Interpretação dos Sonhos</i> (1900a), <i>Studienausgabe</i> , vol. 2, pp. 523-4 (onde é feita a distinção entre três tipos de regressão), bem como outra análise da regressão na 22ª das <i>Conferências Introdutórias</i> (1916-17, <i>Studienausgabe</i> , vol. 1, pp. 334 e segs.)]	SE.26
	■ 27 [vide pp. 79 e segs.]	SE.27
	■ 28 [<i>Studienausgabe</i> , vol. 2, pp. 518 e segs.]	SE.28
	■ 29 <i>Darstellbarkeit</i> : "figurabilidade"; Alt.: "representabilidade"; Sign.: o verbo <i>darstellen</i> significa "dar expressão a", ou "dar representação"; "apresentar", "figurar" em geral remetendo a algo que ainda não tem forma apreensível e que é agora dotado de uma forma; neste sentido <i>Darstellung</i> é diverso do termo <i>Vorstellung</i> , enquanto o primeiro trata de dar forma e expressar algo ainda informe, o segundo se refere a representar internamente uma imagem anteriormente já disponível, algo como "imaginar", "colocar em cena". O substantivo <i>Darstellbarkeit</i> refere-se à possibilidade de dar a algo uma forma apreensível (de dar "figuração", dar "expressão"), portanto, a <i>Darstellbarkeit</i> , que Freud utiliza também em <i>A Interpretação dos Sonhos</i> , (1900a), <i>Studienausgabe</i> , vol. 2, designa a capacidade de algo ser expresso em imagens oníricas; mais sobre <i>Darstellung</i> e <i>Vorstellung</i> em DCAF.	T.29
	■ 30 [Ibid., p. 523.]	SE.30
	■ 31 <i>Sacherinnerungen</i> "lembranças-de-coisas"; sobre diferenças entre o uso que Freud faz entre <i>Objekt</i> e <i>Sache</i> , ver notas 110 e 111 no artigo "O Inconsciente", p. 73; Sobre <i>Erinnerung</i> : "lembrança"; Alt.: "memória", "recordação". Obs.: aqui Freud se refere à memória não na acepção de função ou capacidade de arquivar informações, mas como "lembrança" isto é, aos conteúdos, às imagens, ou melhor aos traços de imagens (visuais, auditivas, olfativas, sensoriais em geral).	T.31
	■ 32 [Ibid., pp. 406 e segs.]	SE.32
	■ 33 É a considerações de representabilidade que atribuo, também, o fato salientado por Silberer [1914] de que alguns sonhos permitem duas interpretações corretas	F.33

mas fundamentalmente diferentes, que Silberer denomina, uma, *analítica* e a outra, *anagógica*. Trata-se sempre de pensamentos de natureza muito abstrata, que com certeza causaram muitas dificuldades para serem representados no sonho. Para fins de comparação, imagine-se a tarefa de substituir por imagens o editorial de um jornal político! Em casos desse tipo, o trabalho do sonho consiste em primeiramente substituir o texto abstrato do pensamento por um mais concreto, o qual está ligado ao anterior por meio de comparações, simbolismos, alusões alegóricas, mas de preferência geneticamente, e que se torna material do trabalho do sonho em lugar do outro. Os pensamentos abstratos proporcionam a assim chamada interpretação anagógica, que interpretamos mais facilmente do que a analítica. Uma observação correta de O. Rank diz que determinados sonhos de pacientes tratados pela psicanálise são os melhores exemplos do conceito dos sonhos com mais de uma interpretação. [Vide também acréscimo de Freud do ano de 1919 sobre *A Interpretação dos Sonhos*, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 501-2.]

SE.34 ■ 34 Cf. "O Inconsciente" (1915e), acima, pp. 46 e segs.]

T.35 ■ 35 *sekundäre Bearbeitung* "elaboração secundária"; sobre *Bearbeitung*, "elaboração"; Alt.: "trabalho"; Sign.: trabalho aplicado sobre um material. Obs. 1: Habitualmente Freud distingue *Bearbeitung* de *Verarbeitung*; este último se refere a um "processamento" (eventualmente *transformação*, *digestão* ou *absorção*) enfatizando alguma incorporação mais profunda, também traduzido às vezes por "elaboração". Obs. 2: Excepcionalmente aqui, *Bearbeitung* está sendo traduzido por "elaboração", contudo, deve-se ter em mente que se trata de aplicar uma camada de trabalho sobre um material e não de "elaborá-lo" na acepção de "sostificá-lo" ou "finalizá-lo" e tampouco de *Verarbeitung* (absorção), aqui a *Bearbeitung* (aplicação) refere-se a ir mudando/trabalhando o material. Neste sentido a *sekundäre Bearbeitung* é um trabalho que faz com que o material psíquico agora esteja adequado a circular no processo secundário cuja natureza é mais consciente e próxima do Eu; DCAF.

SE.36 ■ 36 [Em passagens posteriores deste artigo, o termo "amência" também deve ser compreendido como se referindo a essa condição.]

SE.37 ■ 37 [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), *Studienausgabe*, vol. 2, p. 149, nota.]

F.38 ■ 38 Tomamos conhecimento de uma primeira tentativa deste tipo de sobreinvestimento de representações da palavra no artigo sobre o "Inconsciente" [1915e] [Cf. acima, pp. 50-1].

SE.39 ■ 39 Esta observação foi feita por Breuer, vide nota de rodapé relativa à Seção (1) da sua contribuição teórica aos *Estudos sobre a Histeria* (1895, *Taschenbuchausgabe*, p. 152, nota 2). Ele parece atribuir a idéia a Meynert.]

T.40 ■ 40 *Triebrepräsentanzen* (sobre *Trieb* ver nota 9); Obs.: Freud por vezes não se refere ao elemento que está representando, mas à "função de representação", na acepção da "função de estar no lugar de", e emprega o termo *Repräsentanz*, que com fre-

qüência é confundido nos idiomas latinos com "representação" na acepção de "figuração", "apresentação". Em alemão "figuração" ou "apresentação" corresponde a *Vors-tellung* ("imagem", "idéia", "noção", "concepção", "visualização", "imaginação"). Para evitar a ambigüidade do termo latino, a palavra *Repräsentanz* ("função de estar no lugar de outro") foi traduzida por "representante", embora em rigor se refira a uma função, e não ao elemento que exerce a função de representar; a diferença entre *Repräsentant* e *Repräsentanz* não é relevante no contexto freudiano. Cabe ainda indicar que *Repräsentant*, "representante" refere-se ao elemento cuja a função é "estar no lugar de", ou que faz o papel de um "substituto", um "enviado", ou "que tem a delegação de representar"; DCAF.

■ 41 [*A Interpretação dos Sonhos*, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 519 e segs.]

■ 42 [Vide Cap. VII, Seção C, de *A Interpretação dos Sonhos*, *ibid.*, pp. 538-9.]

■ 43 *Bedürfnis*, "falta" Alt.: "necessidade", "carência"; Sign.: refere-se à necessidade não como dado objetivo, mas como "ter necessidade de", "sentir carência"; implica a presença de um ser que sente falta de algo, portanto, tem também o mesmo caráter impelente de *Trieb* (pulsão), *Reiz* (estímulo), *Drang* (pressão) e *Zwang* (compulsão/obsessão). Obs.: Também pode significar eventualmente "desejo" ou "vontade", o que é coerente com a polissemia de *Trieb* em alemão; nota 11, DCAF.

■ 44 [Cf. "Comentários Editoriais", acima, p. 76.]

■ 45 [Cap. VII, Seção B, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 510 e segs.]

■ 46 [Provavelmente mais uma referência ao artigo extraviado sobre a consciência.]

■ 47 [Acrescento que uma tentativa de explicação da alucinação não deveria começar pela alucinação positiva, mas sim pela negativa.]

■ 48 [Cf. "Os Sinais da Realidade" no "Projeto" (1950a), Parte I, Seção "O Reconhecer e o Pensamento Reprodutivo", etc.]

■ 49 [Cf. análise posterior sobre "externo" e "interno" no trabalho escrito muito mais tarde "A Negação" (1925b), bem como no Cap. I de *O Mal-Estar na Civilização* (1930a), *Studienausgabe*, vol. 9, pp. 198-200.]

■ 50 Sobre a distinção entre um teste de atualidade e de realidade ver em outro trecho. [Entretanto, não há em mais nenhum lugar alguma menção do "teste de atualidade", de modo que pode ser novamente referência a um trabalho extraviado.]

■ 51 [Cf. p. 107.]

■ 52 *verleugnet* "renegar"; Alt.: "recusar a realidade", "denegar", "desmentir", "negar"; Conot.: mantém a ambigüidade de "desmentir" (não se sabe se o desmentido restabelece a verdade ou instala uma mentira), bem como a ambigüidade de "renegar" (em geral se renega algo que já foi aceito anteriormente). Obs.: o termo é empregado por

SE.41

SE.42

T.43

T.44

SE.45

SE.46

F.47

SE.48

SE.49

F.50

SE.51

T.52

Freud, ora como mecanismo de defesa acessório da neurose, ora como mecanismo da perversão, ora como defesa da psicose; neste trecho corresponde à idéia de renegar (ou desmentir) algo que se evidencia diante do Eu; DCAF.

F.53

■ 53 [Partindo daqui, posso aventurar-me à suposição de que também se podem compreender de maneira análoga as alucinações tóxicas, por exemplo, o delírio alcoólico. A insuportável perda imposta pela realidade seria a do álcool; quando este é fornecido, as alucinações cessam.]

F.54

■ 54 [O princípio da inexcitabilidade de sistemas não-investidas [cf. p. 83.] parece ficar invalidado para o sistema *Cs* (*P*). Mas pode tratar-se de uma invalidação apenas parcial, e teremos de pressupor, especialmente para o sistema de percepção, uma quantidade de pré-requisitos para a excitação que divergem muito da de outros sistemas. — Não pretendo, de forma alguma, encobrir ou atenuar o caráter incerto, tateante dessas explicações metapsicológicas. Somente um aprofundamento maior poderá levar a certo grau de probabilidade.

SE.55

■ 55 [Citado no início de *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), *Studienausgabe*, vol. 2, p. 30.]